



Giorgio de Marchis

# O SILÊNCIO DO DÂNDI E A MORTE DA ESFINGE

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

## *Preâmbulo*

A obra de Mário de Sá-Carneiro foi, durante muito tempo, confundida com a sua biografia por uma parte da crítica que não quis resistir ao fascínio do aparente confessionalismo dos versos construídos pelo poeta de *Dispersão* mediante uma utilização tão deliberada, quanto hábil, de mecanismos de sinceridade. Uma overdose de referências autobiográficas que empola o texto literário e que condicionou profundamente a interpretação de todo o *corpus* sá-carneiriano, lido numa perspectiva diarística como as *páginas dum suicida* em que, como escreve Fernando Cabral Martins, «os seus textos são tomados pelo leitor como monólogos, do qual os dados biográficos conhecidos passam a funcionar como didascálias»<sup>1</sup>.

Partindo deste ponto de vista, a vida do poeta foi reduzida a dócil instrumento didascálico, justificativo da sua poesia, lida como uma autobiografia em verso, de tal modo clara e detalhada que torna inútil qualquer ulterior tentativa de reconstrução da vida do autor de *A Confissão de Lúcio*:

De Mário de Sá-Carneiro claro que só há um retrato completo e justo: o seu auto-retrato, magnificamente pincelado a cores alucinantes nas suas últimas páginas mais pessoais.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> F. Cabral Martins, *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Estampa, 1997, p. 15.

<sup>2</sup> J. Régio, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Porto, Portugalia, 1978, p. 115.

Uma confusão entre vida e literatura que, misturando os versos de Sá-Carneiro com a tragédia que foi a sua existência, reduziu a dimensão inovadora do seu Modernismo em prol de uma interpretação tendente a privilegiar sobretudo uma ligação com a tradição tardo-simbolista (cromatismo, musicalidade, predomínio da temática do alheamento e da despersonalização onírica) presente, sem dúvida, mas não preponderante na sua obra.

Uma leitura distorcida de um autor que se quis «sincero» a todo o custo e que fundou o mito de Sá-Carneiro no panorama literário português, de acordo com a definição de Eduardo Lourenço, segundo o qual, «uma interpretação que dura pode ser uma boa definição de ‘mito’»<sup>3</sup>. Tal interpretação mítica — que, no suicídio consumado em Paris, encontra, ao mesmo tempo, o seu clímax e a sua origem — foi alimentada e valorizada sobretudo pelo principal responsável da amálgama entre vida e obra (com prejuízo da primeira, mas penalizando, involuntariamente, também a segunda) em Mário de Sá-Carneiro: o *amigo de Alma* Fernando Pessoa. O poeta de *Ode Marítima* surge, de facto, empenhado numa reelaboração póstuma da figura de Mário, de tal modo livre que, se não é mistificante, é, pelo menos, enganadora. O mesmo Pessoa que elimina da bibliografia de Sá-Carneiro a colectânea *Princípio*, declarando a João Gaspar Simões: «Elimino o volume *Princípio* pela simples razão de que não presta»<sup>4</sup>; que redimensiona o valor vanguardista de *Manucure* — «se excetuarmos *K4 O Quadrado Azul* e o *Manifesto Anti-Dantas* de Almada, o mais futurista dos textos portugueses que se moveram nessa corrente»<sup>5</sup> — apresentando-o como um «poema semi-futurista (feito com intenção de blague)»<sup>6</sup>; que altera a organização editorial dos *Indícios de Ouro* — criando uma obra inexistente como *Os Últimos Poemas de Mário de Sá-Carneiro*, onde são inseridas duas quadras que ele mesmo intitula *Fim* e um soneto destinado a fechar os *Indícios de Ouro* — para insinuar uma leitura dos versos do amigo como a «rampa final, ou os sintomas do impulso de autodestruição que o autor entretanto vive, como se das últimas palavras,

---

<sup>3</sup> E. Lourenço, «As descobertas como mito e o mito das descobertas», *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, XX, (2000), 768, p. 20

<sup>4</sup> E. Martines, *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da «Presença»*, Lisboa, INCM, 1998, p. 97.

<sup>5</sup> F. Cabral Martins, «Publicado por Sá-Carneiro», *Vértice*, II série, 36, 1991, p. 13.

<sup>6</sup> F. Pessoa, «Mário de Sá-Carneiro», *Presença* (edição fac-similada), II, 16, Novembro de 1928, p. 8.

testamento e canto do cisne, se tratasse»<sup>7</sup>. Este mesmo Fernando Pessoa, a 10 de Janeiro de 1930, numa célebre carta enviada ao crítico da «Presença», João Gaspar Simões, afirma: «Felizmente, em todo o sentido de todos os sentidos, o Sá-Carneiro não teve biographia: teve só génio. O que disse foi o que viveu»<sup>8</sup>. Afirmção que, ao estabelecer uma relação indissolúvel de causa-efeito entre a vida do poeta e os seus versos, fundou uma leitura mítica do *corpus* sá-carneiriano, da qual se podem encontrar numerosos exemplos:

As relações entre a vida de um escritor e a sua obra são sempre um elo de convergência privilegiada para as investigações da crítica. No caso específico de Sá-Carneiro a situação é exemplar devido à natureza particularmente íntima e intrincada dessas relações;<sup>9</sup>

a sua poesia é a sua própria vida a expressar-se. Não podemos compreender uma sem a outra; antes temos que explicar uma pela outra;<sup>10</sup>

Se é tão natural associar-se a obra de Sá-Carneiro à sua vida e esta àquela, é porque ele próprio nunca soube viver sua vida a não ser em função de sua obra ou com esta confundida;<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> F. Cabral Martins, *O Modernismo*, cit., p. 25.

<sup>8</sup> E. Martines, *op. cit.*, p. 113. Ao interpretar a relação entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro como a relação entre um mitógrafo e a sua criação literária, é-se naturalmente levado a estabelecer um paralelo com Max Brod e Kafka. Do mesmo modo que na *vulgata* pessoana sobre a vida e obra do autor de *Dispersão*, «Max Brod criou a imagem de Kafka e da sua obra e, ao mesmo tempo, a kafkologia. Os kafkólogos, ainda que atentos a tomar as devidas distâncias do seu progenitor, nunca se aventuram para além do território por ele delimitado», M. Kundera, *I testamenti traditi*, Milano, Adelphi, 1994, p. 49. É, por fim, manifesto como, também no caso de Alberto Caeiro, Fernando Pessoa (através de Ricardo Reis) se expressou nos mesmos termos: «A vida de Caeiro não pode narrar-se, pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida», cit. in T. Rita Lopes, *O Monólogo/Diálogo do «Esfinge Gorda»*, «A Phala», edição especial, *Um Século de Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989, p. 34

<sup>9</sup> J.-M. Massa, «Quatre lettres inédites de Mário de Sá-Carneiro à Philéas Lebesgue (1912-1913)», *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 14, 1976-1977, p. 137.

<sup>10</sup> M. Antunes, *A Poesia Modernista de «Orpheu» a «Altitude»*, no vol. *Legómena. Textos de teoria e crítica literária*, Lisboa, INCM, 1980, pp. 162-163.

<sup>11</sup> V. Brunel Meller, *Sá-Carneiro timba um «Princípio» e algumas «Novelas Originais»*, in *Singularidades de uma cultura plural. XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*, Rio de Janeiro, Universidade Federal-Fundação C. Gulbenkian, 1990, p. 345.

Uma confusão entre vida e poesia que — para além de ter valorizado, como se disse, uma leitura diarística da obra, em que raramente foram questionados os limites da aparente sinceridade do poeta e a incidência do *fingimento* ontológico modernista nos seus versos — exige uma reformulação da própria biografia de Mário de Sá-Carneiro, frequentemente reconstruída através de fontes literárias pouco credíveis; é o caso, por exemplo, de João Pinto de Figueiredo que, em *A morte de Mário de Sá-Carneiro*, «sobretudo no que à infância diz respeito, [...] procura as informações sobre essa infância nos textos que escreveu, todos tomados inequivocamente como autobiográficos, em que a infância é tema»<sup>12</sup>. Um procedimento que leva a que as fobias e paixões das personagens sejam atribuídas ao autor e de que são exemplos flagrantes as numerosas e recorrentes considerações sobre a sexualidade do poeta (um aspecto dos menos conhecidos da sua vida) sobre a qual se chegou a conclusões tão discordantes quanto infundadas, tendo apenas por base as taras das suas personagens: assim, o poeta de *Dispersão* teria sido um campeão de onanismo, sadomasoquismo<sup>13</sup>, impotência<sup>14</sup> e homossexualidade<sup>15</sup>...

Todavia, a partir do momento em que se recusa a redução da poesia de Sá-Carneiro a vida e a disdascália em verso de um percurso existencial dramático, torna-se necessária a demarcação de uma nova fronteira (certamente muito menos porosa que a tradicional) capaz de delimitar finalmente as duas faces da *esfinge gorda*. Uma reescrita da imagem do autor de *Princípio* — unicamente possível através de uma nova análise das fontes que levaram à orquestração do mito — que inevitavelmente conduzirá à aceitação ou recusa de quanto afirmado por Octavio Paz, na abertura de um seu célebre ensaio dedicado a Fernando Pessoa: «Os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia.»<sup>16</sup> Ainda que, como se procurará demonstrar, possa talvez existir, entre a vida e a obra deste *triste produto*, a possibilidade de um *tertium datur*...

---

<sup>12</sup> F. Cabral Martins, *O Modernismo*, cit., p. 44.

<sup>13</sup> J. Pinto de Figueiredo, *A Morte de Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Europa-América, 1983.

<sup>14</sup> M. E. Guedes, *Obra Poética de Mário de Sá-Carneiro*, antologia, Lisboa, Presença, 1985.

<sup>15</sup> P. Bacarisse, *A Alma Amortalhada. Mário de Sá-Carneiro's use of Metaphor and Image*, London, Tamesis, 1984.

<sup>16</sup> O. Paz, *Ignoto a se stesso. Saggi su Fernando Pessoa e Luis Cernuda*, Genova, Il Melangolo, 1988, p. 15.

*N. da T.* — Todas as citações de autores estrangeiros foram traduzidas para português a partir da edição citada pelo autor no original italiano.

## ÍNDICE

Preâmbulo .....	7
Cap. I .....	11
Cap. II .....	31
Cap. III .....	59
Cap. IV .....	83

## EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA

Nota filológica .....	109
Descrição dos testemunhos .....	123
Lista cronológica das cartas .....	128
Crítérios da edição .....	129
Índice dos sinais convencionais .....	131
Bibliografia .....	133

## TEXTOS

ALÉM .....	143
BAILADO .....	151
PARTIDA .....	161
ESCAVAÇÃO .....	171
INTER-SONHO .....	175
ÁLCOOL .....	179

VONTADE DE DORMIR .....	183
DISPERSÃO .....	187
ESTÁTUA FALSA .....	195
QUASI .....	199
COMO EU NÃO POSSUO .....	203
ALÉM-TÉDIO .....	209
RODOPIO .....	213
A QUEDA .....	219
Notas .....	223